

## DISCURSO E ACONTECIMENTO: A COMUNICAÇÃO POLÍTICA DO GUERRILHEIRO URBANO DE CARLOS MARIGHELLA

\*\*\*

### DISCOURSE AND EVENT: THE POLITICAL COMMUNICATION OF CARLOS MARIGHELLA'S URBAN GUERRILLA

Samuel Ponsoni <sup>1</sup>

**Data de recebimento do texto:** 27/04/2024

**Data de aceite:** 23/05/2024

**Resumo:** Este artigo visa compreender, teórica analiticamente, os sentidos de comunicação política nos discursos do revolucionário brasileiro Carlos Marighella, pensados como parte da luta política do guerrilheiro urbano. Para tanto, analisaremos a obra textual *Mini-manual do Guerrilheiro Urbano*, divulgado e, em circulação inicial, provavelmente no ano 1969, obra esta em que podemos perscrutar o que Marighella entendia como comunicação política e a utilização deste conceito de linguagem e de discurso para a luta revolucionária. Teórica e metodologicamente, neste sentido, nos inserimos no mirante discursivo da Análise do Discurso, de base materialista, fundamentação esta que nos dá a base descritiva, crítica e analítica através de conceitos como memória e acontecimento. Portanto, responder a essas questões se faz o principal objetivo deste texto.

**Palavras-chave:** Discurso. Comunicação política. Memória. Acontecimento. Carlos Marighella.

**Abstract:** This article aims to provide a theoretical and analytical understanding of the meanings of political communication in the discourses of Brazilian revolutionary Carlos Marighella, seen as part of the political struggle of the urban guerrilla. To this end, we will analyze the textual work *Mini-manual of the Urban Guerrilla*, published and in initial circulation, probably in 1969, a work in which we can scrutinize what Marighella understood as political communication and the use of this concept of language and discourse for the revolutionary struggle. Theoretically and methodologically, in this sense, we insert ourselves into the discursive viewpoint of Discourse Analysis, with a materialist basis, which gives us a descriptive, critical and analytical basis through concepts such as memory and event. Therefore, answering these questions is the main objective of this text.

**Keywords:** Discourse. Political communication. Memory. Event. Carlos Marighella.

---

<sup>1</sup> Doutor da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG. Agradeço o fundamental apoio da instituição através da Bolsa Pesquisador PQ/UEMG/PROPPG (Edital 10/2022), sem o qual este trabalho não seria possível.

## 1. Considerações Iniciais

Era a manhã do dia 15 de agosto de 1969, por volta das 08 horas e 30 minutos. A programação da Rádio Nacional paulista, filiada à Rede Globo, era abruptamente interrompida sob as seguintes palavras: “Atenção, muita atenção! Senhoras e senhores: tomamos esta emissora para transmitir a todo o povo uma mensagem de Carlos Marighella”.

A tomada da rádio era mais uma entre as diversas estratégias revolucionárias e de luta política da Aliança Libertadora Nacional – ALN – contra a ditadura civil-militar, instituída em 1964, a qual perduraria mais 21 anos. Esse processo ditatorial se deu, inicialmente, com o Golpe de abril de 1964, com a deposição do até então presidente João Goulart e, posteriormente, com exílios, assassinatos e tortura dos dissidentes, censura política e moral, praticadas no regime golpista. Esses acontecimentos trouxeram, portanto, diversas dissoluções de dispositivos legais e de direitos constitucionais por meio de atos institucionais, que, no decorrer dos anos, consolidar-se-iam como dispositivos de manutenção da ordem vigente.

A partir disso, grupos sociais, movimentos ou indivíduos que não comungavam com os ideais pertinentes ao senso crítico comum e que se distanciavam do pensamento ideológico dominante tiveram silenciadas suas formas tradicionais de expressão e também quaisquer outras manifestações socioculturais destoantes da chamada conduta correta. Não era mais possível expressar-se abertamente nem da maneira com a qual se quisesse ou habitualmente se constituísse na prática dos debates políticos e sociais.(BRASIL, 2014).

Neste sentido, a estratégia de falar diretamente ao povo, mencionada acima, trata-se de um importante acontecimento histórico na luta política contra a ditadura civil-militar, que se imbuía de compreender e utilizar diversos recursos de comunicação política, em memórias e discursos, para persuadir, convencer e chegar a ideias e posicionamentos ideológicos.

Portanto, o objetivo deste artigo se faz pela compreensão dos efeitos discursivos na comunicação política não somente como posicionamentos político-ideológico, mas também como estratégia revolucionária de Carlos Marighella(1911-1969), talvez o historicamente mais importante revolucionário brasileiro à esquerda.

Para tanto, com efeito, nosso estudo aqui é analisado e interpretado, discursivamente, a partir da obra textual de autoria atribuída a Carlos Marighella, qual seja,

o *Mini-manual do guerrilheiro urbano*, publicado, provavelmente<sup>2</sup>, por volta de meados de 1969, escrito, portanto, no auge das disputas e tensões políticas entre guerrilheiros revolucionários e Ditadura civil-militar de 1964. Além disso, essa obra acima citada traz à luz uma característica fundamental de Carlos Marighella, que é a de um sujeito porta-voz de acontecimentos político, alguém que, para além da mítica bravura indômita de luta revolucionário, tinha sofisticada análise de conjuntura política.

Por isso mesmo, entre outras coisas, fazia uso de estratégias discursivas e comunicacionais-políticas, às quais nos dedicaremos neste texto, pois, entende-se, ainda hipoteticamente, que os estudos políticos, históricos e biográficos de Marighella pouco abordam o papel dos discursos e das comunicações políticas que ele empreendia em sua luta revolucionária.

### 1.1. Carlos Marighella<sup>3</sup>

A postos para o seu general  
Mil faces de um homem leal (vamo! Oi!)  
A postos para o seu general  
Mil faces de um homem leal  
Protetor das multidões  
Três encarnações de célebres malandros  
De cérebros brilhantes  
Reuniram-se no céu  
O destino de um fiel, se é o céu o que Deus quer  
Consumado, é o que é, assim foi escrito  
Mártir, o mito ou Maldito sonhador  
Bandido da minha cor  
Um novo Messias  
Se o povo domina ou não  
Se poucos sabiam ler  
E eu morrer em vão  
Leso e louco sem saber  
Coisas do Brasil, super-herói, mulato  
Defensor dos fracos, assaltante nato  
Ouçam, é foto e é fato a planos cruéis  
Tramam 30 fariseus contra Moisés, morô  
Reaja ao revés, seja alvo de inveja, irmão  
Esquinas revelam a sina de um rebelde, óh meu

---

<sup>2</sup> O advérbio provavelmente para referir o Manual Guerrilheiro não se deve ao acaso linguístico-estilístico, mas sim por não haver consenso e precisão, já que se tratou, durante muito tempo, inclusive aos idos anos 1960, de escritos clandestinos, em circulação escrito à mão, de ponto a ponto, de relato e transmissão oral ou, às vezes, em versões mimeografadas.

<sup>3</sup> Esta é uma muito breve apresentação de Carlos Marighella, feita usando como mote a música *Mil Faces de um Homem Leal*, 2012, do icônico Grupo Musical brasileiro de Rap, Racionais MC's, e a partir de **Marighella**: o guerrilheiro que incendiou o mundo, de Mário Magalhães, em referência completa no espaço das referências deste artigo e livro que recomendamos fortemente a leitura.

Que ousou lutar, honrou a raça  
Honrou a causa que adotou  
(RACIONAIS MC'S, 2012)

Este pequeno trecho da canção dos Racionais MC's (Mil Faces de um Homem Leal, 2012) nos dá a dimensão do ator e militante político, cuja representação no campo político nacional e internacional é peça central desta pesquisa. Ainda que não seja um objetivo deste artigo aprofundar e fazer um trabalho biográfico de Carlos Marighella, pode-se dizer que, sem margem de dúvida, Marighella foi um dos principais nomes da guerrilha à esquerda no Brasil, se não o maior, principalmente durante a Ditadura Civil-Militar (1964-1985), tendo sido, também por isso, considerado o inimigo número um do país na segunda metade da década de 1960.

A trajetória de Marighella sempre dividiu opiniões entre jornalistas e intelectuais brasileiros, tanto à direita, quanto à esquerda política (inclusive dentro da própria esquerda houve muita oposição às suas propostas revolucionárias), mas inegavelmente seus atos, ditos e escritos são acontecimentos históricos que se inscrevem fortemente na memória histórica, política, cultural e social brasileira.

## **2. Bases e Fundamentações Teóricas**

Se, por um lado, este artigo trata de, entre outras coisas, compreender a conceituação de comunicação política para a luta Revolucionária de Marighella, sobretudo enquanto memória e acontecimento da política brasileira, em relação à conjuntura da ditadura civil-militar brasileira, a partir da linguagem e do discurso, por outro lado, pode-se dizer que existe uma atualidade na disputa de sentidos, e seus efeitos, em relação ao período ditatorial de 1964; um ponto de encontro entre memória e atualidade ainda em curso e em muito mais disputa do que poderíamos supor há alguns anos.

Esse fato pode ser constatado no Brasil dos últimos anos. Em relação ao tema da conjuntura histórica e política do artigo, essa atualidade disputa se dá sobretudo após a formação da Comissão Nacional da Verdade (lei n. 12.528/11)<sup>4</sup>, que visava investigar graves violações a direitos fundamentais e humanos, ocorridas durante os mais de 20 anos de ditadura.

---

<sup>4</sup> Para mais informações e detalhes da Comissão brasileira <<https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/assuntos/comissoes-da-verdade>>. Acesso em 08 de jun. 2024

Deste acontecimento histórico, 2011, para cá, trazendo à luz exemplos bem restritos de cargos políticos, em torno da disputa de memórias do perverso legado ditatorial, tivemos a reascensão de discursos exaltantes e eufóricos acerca do período ditatorial (marchas, manifestações, passeatas, falas, imagens, entre outras formas de reivindicação a um suposto legado positivo) e a eleição de políticos, em diversas esferas de poder (municipal, estadual, federal, cargos legislativos e executivos), abertamente defensores de práticas e métodos de repressão utilizados por militares contra seus opositores, a tal ponto, inclusive, de ter sido eleito um ex-presidente da República, Jair Bolsonaro (2019-2022), ex-militar e ferrenho defensor (a ponto de ter como leitura principal o livro de um militar notório torturador) do regime ditatorial de 1964.

Resta nítido, para nós, que tais manifestações são a prova de que a ditadura brasileira, após mais de trinta anos de seu término oficial, na verdade está inserida na ordem de eventos "do dia" que, embora passados, não passam e não cessam de se inscrever nos discursos, na memória e na comunicação política de diversos acontecimentos de nossa história mais recente. E não passam porque não resolvemos inteiramente o nosso passado traumático que insiste em ser recalcado, em uma tentativa justificável, mas pouco significativa, de ser superado em nome de uma conciliação nacional.

Neste sentido, a proposta de trabalhar o entendimento de comunicação política revolucionária, à esquerda, através da figura de Carlos Marighella, possibilita, ao mesmo tempo, não só avivar a memória de acontecimentos que se passaram naquele período da história do Brasil, mas também problematizá-los. Problematização, aliás, realizada à luz de outros referenciais de análise, tais como a relação de formas e processos de comunicação política e a memória social.

Dessa forma, para dar conta de observar esse fenômeno discursivo-social, buscamos uma fundamentação de base materialista de estudos da linguagem e do discurso, como o é Análise do Discurso de Matriz francesa. Nessa perspectiva materialista, pode-se dizer que a repercussão e a circulação da comunicação política podem reforçar um dado acontecimento, dando-lhe materialidade na repetição para que ele dure e “pegue” em uma nova regularidade do discurso e entre na ordem do dia dos rumores públicos, formando estruturas de múltiplas coerções projetadas, elementos decisivos para os percursos de interpretação dos sentidos. (PÊCHEUX, 2008).

## 2.1 Acontecimento e Memória

Dessa maneira, alinhados à teoria discursiva alhures mencionada, nos deparamos com, primeiramente, o conceito de acontecimento. O acontecimento de uma narrativa discursiva coaduna-se ao funcionamento do que é designado pela AD (adiante, vez ou outra, AD) como memória discursiva ou elementos que a compõem, construindo-a ou negando-a em determinadas direções.

Segundo Pêcheux, teórico de base da Análise do Discurso, a memória discursiva é considerada como um espaço de regularização da materialidade discursiva, espaço potencial de coerência dos sentidos a um determinado direcionamento ideológico (PÊCHEUX, 2007). Na leitura e interpretação dos acontecimentos, a memória vem a preencher os implícitos, permitindo a interpretação do texto e reestabelecendo o que não está dito na enunciação e abrindo espaço a um caminho de rumores públicos. Portanto, não se pode tratar a memória como algo cristalizado, um fenômeno rígido e fixo, ou, um jazigo em que se observam os fatos históricos, repousantes em materialidades inertes.

A memória social, portanto também discursiva, deve ser compreendida como uma construção e, ainda que memória, uma dinâmica tensiva em que podemos observar diversas nuances histórico-sociais, por meio das vozes que contam essas próprias nuances.

Nessa toada, de uma memória social atrelada constitutivamente ao acontecimento, Pêcheux analisa o enunciado *On a gagné* (Ganhamos) na vitória eleitoral da esquerda, representada por François Mitterand, na França em 1981 (PÊCHEUX, 2008). Refere-se, ainda o filósofo francês do discurso, aos primeiros comentários, às reações dos responsáveis políticos das eleições presidenciais mostrando que eles “vão começar a “fazer trabalhar” o acontecimento (o fato novo, as cifras, as primeiras declarações) em seu contexto da atualidade e no espaço da memória que ele convoca e que já começa a reorganizar...” (PÊCHEUX, 2008, p. 19). No exemplo de Pêcheux, podemos ver como se instaura, a partir de um acontecimento histórico, um deslocamento e uma abertura para outra organização da memória.

É possível dizer que, em Pêcheux, há a dupla forma-limite de inscrição do acontecimento na memória, ou seja, o acontecimento que escapa à inscrição, que não chega a se inscrever e o acontecimento que é absorvido na memória, como se não tivesse ocorrido. Mas é ainda no próprio Pêcheux que observamos uma identificação teórica fundamental. Para este autor o acontecimento existe na discursividade da contingência do

real da história, seguindo sua primeira tese materialista: "O real existe, necessariamente, independente do pensamento e fora dele, mas o pensamento depende, necessariamente, do real, isto é, não existe fora do real" (PÊCHEUX, 1988, p. 232).

A comunicação política, e mais especificamente aqui, a comunicação política no Manual do Guerrilheiro, por exemplo, reforça o acontecimento discursivo, dando-lhe materialidade na repetição para que ele dure e “pegue” em uma nova regularidade do discurso, pois, a partir de uma memória do dizível sobre lutas históricas contra a opressão tirana, o que naquela quadra histórica representava a própria ditadura, há a necessidade na luta dos guerrilheiros, e Marighella como líder e porta-voz principal dessa posição política assumida, em fazer inscrever seus discursos na memória do acontecimento ditatorial de 1964, em fazê-los dizíveis por meio da estratégia de comunicação política ensejada no Manual e outras formas de luta postas por aquela conjuntura política. Para que se crie, em última instância, outras regularidades discursivas, e logicamente dizíveis, para que mais e mais sujeitos se engajassem na luta; sentirem-se chamados, discursivamente, a lutar.

Dessa forma, é desse mirante teórico de compreensão que buscamos realizar a análise da comunicação político, ou melhor, seu entendimento à luz do sujeito Carlos Marighella e sua luta revolucionário contra a ditadura civil-militar de 1964.

### 3. Análises do Material

Para compor nosso arquivo analítico, do qual retiramos nosso *corpus* de estudos utilizaremos a obra referência *Mini-manual do guerrilheiro urbano*, de autoria atribuída a Carlos Marighella. Metodologicamente, organizaremos o trabalho pelo método discursivo da descrição-interpretação, baseados nos trabalhos fundadores de Michel Pêcheux nos domínios da Análise do Discurso, o qual consiste em observar a questão da descrição e interpretação dos enunciados produzidos a partir dos acontecimentos históricos. Dessa forma, o norte condutor para esse quesito metodologia dos *corpora* segue as premissas de descrever e interpretar. Esse processo é bastante bem abordado por Michel Pêcheux (2008). E para dessa forma proceder:

A primeira exigência consiste em dar o primado aos gestos de descrição das materialidades discursivas. Uma descrição, nesta perspectiva, não é uma apreensão fenomenológica ou hermenêutica na qual descrever se torna indiscernível de interpretar: essa concepção da descrição supõe ao contrário o reconhecimento de um real específico sobre o qual ela não se instala: o real da língua. (...) Isto é, nem linguagem, nem fala, nem discurso, nem texto, nem

interação conversacional, mas aquilo que é colocado pelos linguistas como condição de existência (princípio), sob forma de existência do simbólico, no sentido de Jakobson e de Lacan. (PÊCHEUX, 2008, p.50)

Com observamos pela citação, essa maneira de descrição dos acontecimentos, dos conjuntos textuais, de tipos de discurso, entre outros, não se altera, exceto se existir formas de interdição que se busque prender os sentidos em um universo logicamente estabilizado, em um princípio basilar que é o de que o(s) sentido(s) de todo enunciado pode derivar para outros sentidos, e todo enunciado, assim como o sentido, é possível de ser descrito em uma série de pontos possíveis de deriva, abrindo a picada na floresta de sentidos para a interpretação. E "é nesse espaço que pretende trabalhar a análise do discurso"(PÊCHEUX, 2008, p. 53). Esse é o espaço das disciplinas de interpretação.

Dito de outro modo, busca-se a compreensão de outros discursos, elementos linguísticos, imagens, narrativas, sujeitos, códigos, gêneros, sentidos e efeitos de sentidos, que circulam na história social, ou seja, que já estão lá em alguma medida, para descrevê-los e interpretá-los a partir de filiações identificadoras, como redes de memórias sócio-históricas, no momento presente ao fato analisado dos acontecimentos discursivos, sejam eles um evento, um texto, uma sentença, enfim, mas sempre com a possibilidade de múltiplos territórios de sentidos.

Para fins organizativos os enunciados extraídos são tratados como *Recorte de Análise*, numerados em sequência linear. Com base nessa sequência recortada, fizemos as análises e tentamos inferir, por meio da leitura, descrição e interpretação questões atinadas ao conjunto de objetivos do artigo.

### **3.1 A Informação como Processo Discursivo de Comunicação Política**

#### **Recorte de Análise 1**

Em adição a esta precaução necessária, o guerrilheiro urbano tem que estar preocupado com o sistema de comunicação do inimigo. O telefone é o alvo primário para prevenir o acesso inimigo à informação mediante a sabotagem de seu sistema de comunicações.

A informação, que é somente uma pequena parte do apoio popular, representa um potencial extraordinário nas mãos do guerrilheiro urbano. A criação de um serviço de inteligência com uma estrutura organizada é uma necessidade básica para nós. O guerrilheiro urbano tem que ter informação essencial dos planos e movimentos do inimigo, onde se encontra, e como se movem, os recursos da rede bancária, os meios de comunicação e seus movimentos secretos.

A informação confiável passada ao guerrilheiro urbano representa um golpe certeiro contra a ditadura. Não há forma de defender-se quando se enfrenta uma



perda importante de informação que põe em perigo seus interesses e facilita nosso ataque destrutivo. (MARIGHELLA, 2003, p.22-24)

Em atenção à sequência destacada, a interpretação do recorte nos faz compreender que a comunicação política se faz em um discurso de meios, usos e posse de certos tipos de informação para melhor atender à causa da guerrilha e/ou ao guerrilheiro. Dizendo diferentemente isso, o guerrilheiro obter e/ou ter a informação certa, antecipada, trata-se de arma eficaz contra o inimigo. A informação em comunicação ao povo não é a principal forma de adesão ao discurso revolucionário, e sim táticas, estratégias, antecipação, contrainformação no dizer do Manual.

No acontecimento histórico da guerrilha, a informação é posta discursivamente a circular como um preenchimento de memória de que, de fato, se faz crucial para obter um conjunto de informações, inclusive técnicas - rede bancária, movimentações etc.-, mas não é o cerne da interação e mobilização do povo, isto é, a informação não é o objetivo maior quando se trata da luta política de conscientização e apoio popular, tão desejado pelas guerrilhas, a fim de se conseguir, em última instância, o discurso e a prática da revolução popular e pôr fim à ditadura de 1964.

Logo, talvez pela própria conjuntura política, e não só em relação à questão de existir a ditadura civil-militar em si, como inimigo posto e encarnado no Estado repressor, mas a própria formação histórica, política e revolucionária militarizada, advinda das bases das formações ideológicas tensionadas por de uma "guerra fria" polarizada, ou mesmo a experiência de outros movimentos guerrilheiros(cubano, vietnamita...) que debatiam a informação também como um precioso meio para táticas e ações dos atos de guerrilha.

Portanto, a informação como parte do processo de comunicação política sustenta, neste caso, discursos mais ligados à ordem militarizada, à tática e à ação, com a coleta de dados em favor da luta propriamente dito, e não necessariamente um trabalho de discurso, memória em relação ao acontecimento histórico da guerrilha, ou do manual, ou mesmo um trabalho mais orgânico e sistemático de comunicação política popular.

### **3.2 Propaganda como Processo Discurso de Comunicação Política**

#### **Recorte analítico 2**

A coordenação das ações da guerrilha urbana, incluindo cada ação armada, é a principal forma de fazer propaganda armada.

Estas ações, feitas com determinados e específicos objetivos, inevitavelmente se fazem material de propaganda para o sistema de comunicação das massas.

Assaltos a bancos, emboscadas, deserções, resgate de prisioneiros, execuções, sequestros, sabotagem, terrorismo e a guerra de nervos são todos casos em ponto. Aviões com rotas de voo trocados pela ação revolucionária, barcos e trens em movimento assaltados e capturados por guerrilheiros, podem ser usados somente para efeitos de propaganda.

Mas a guerrilha urbana nunca deve fracassar em instalar uma imprensa clandestina e deve poder fazer cópias mimeografadas usando álcool ou pranchas elétricas ou outros aparelhos duplicadores, expropriando o que não pode comprar em ordem de produzir um jornal pequeno, panfletos, volantes e estampas para a propaganda e agitação contra a ditadura.

A guerrilha urbana comprometida com a imprensa clandestinas facilita enormemente a incorporação de um grande número de gente na batalha revolucionária, abrindo um trabalho permanente para aqueles que desejam trabalhar com a propaganda revolucionária, mesmo que quando fazê-lo signifique trabalhar sozinho e arriscar sua vida como revolucionário.

Com a existência de propaganda clandestina e material agitador, o espírito inventor da guerrilha urbana expande e cria catapultas, artefatos, morteiros e outros instrumentos com os quais distribuir os panfletos anti-governo a distância. Gravações em fita, a ocupação de estações de rádio, o uso de alto falantes, desenhos em paredes e em outros lugares inacessíveis são outras formas de propaganda. Em usá-las, a guerrilha urbana deve dar-lhes um caráter de operações armadas.

Uma propaganda consistente de cartas enviadas a endereços específicos, explicando o significado das ações armadas da guerrilha urbana, isto produz consideráveis resultados e é um método de influenciar certos segmentos da população.

Se esta influência é exercitada no coração das pessoas por todo possível mecanismo de propaganda girando em torno da atividade da guerrilha urbana, isto não indica que nossas forças tem o suporte de todos. (MARIGHELLA, 2003, p.47)

Compreende-se, discursivamente, que a comunicação política neste caso em citação se desdobra como um efeito de sentido, lido, na memória do guerrilheiro e dos movimentos revolucionários, como uma ferramenta de propaganda. A propaganda associada aos meios e dispositivos da época (cartas, telefones, panfletos...) seria uma eficaz comunicação política, para que a população lhes tenham empatia, engajamento e faça a adesão à guerrilha.

Com efeito, propaganda, como dissemos, como um efeito de sentido no acontecimento histórico-discursivo revolucionário, arrematando e trazendo à memória a difusão, o espalhamento, o senso de tomada de todos os meios e espaços pelo discurso da revolução, algo inevitável, caso esta forma de comunicação política se faça propositiva e eficiente.

Ainda que o Manual trabalhe como comunicação política, as formas de propaganda política descrita são mais ações, tal como a compreensão de informação, de base, de ponto a ponto e de ação direta, na própria guerrilha em si, e não necessariamente uma conceituação elaborada, orgânica e discursiva de comunicação política.

## Considerações Finais

O objetivo primeiro e em tom "ensaístico" deste breve artigo foi o de compreender se seria possível apontar a formulação e conceituação de comunicação política para a luta revolucionária de Carlos Marighella, através de escritos próprios deste importante militante político e revolucionário brasileiro à esquerda ideológica. Para isso, lastreamos nossa fundamentação teórica por meio da Análise do Discurso e em noções-conceitos discursivas tais como memória, e acontecimento.

A dimensão da comunicação política, enquanto um conceito lido à luz discursiva, teve importante papel na luta revolucionária brasileira como um todo, conjugando elementos da ordem da história e os elementos da ordem da língua, para, sendo assim, fazer surgir uma narrativa do acontecimento discurso de Marighella sobre comunicação e política.

Todavia, essa compreensão da comunicação política é muito mais válida para a luta em si dos Guerrilheiro urbanos, como descrito no livro *Mini-Manual do Guerrilheiro Urbano*, ora em análise, do que propriamente uma formulação teoricamente mais densa, a qual possa vicejar inter-relações mais sólidas e profundas discursivamente. Dito de outra forma, a comunicação política era sobretudo no sentido de uma prática de luta prática, para a guerra, o combate e enfrentamento, que, evidentemente, comporta camadas discursivas de direcionamento do rumor público, isto é, que impute necessidades e obrigações éticas e morais aos sujeitos da luta revolucionários e aos que sujeitos que essa luta buscava em adesão; a comunicação política em Marighella no Manual guerrilheiro passava também por princípios de gestão de produção, circulação, transformação e interpretação dos discursos.

Espera-se que esse texto tenha, portanto, abordado aspectos menos conhecidos da vida e obra de Carlos Marighella, qual seja, do militante revolucionário, diretamente ligado à luta armada no Brasil da ditadura civil-militar de 1964, mas igualmente um Marighella analítico, político conceitual, através de seus discursos e suas formas de comunicação política junto à sua fala ao povo brasileiro.

## Referências

ACHARD, P. et al. In: ACHARD, P. **Papel da memória**. Campinas, SP: Pontes, 2007.

COURTINE, J-J. O Chapéu de Clémentis. In: **Os múltiplos territórios da Análise de Discurso**. F. INDURSKY E M. C. LEANDRO FERREIRA (Ed.). Porto Alegre, Ed. Sagra Luzzatto, 1999.

COURTINE, J. J. O discurso inatingível: marxismo e linguística (1965-1985). Trad. Heloisa Monteiro Rosário. In: **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n. 6, 1999.

DELA-SILVA, S. C. **O acontecimento discursivo da televisão no Brasil**: a imprensa na constituição da TV como grande mídia. Tese(Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2008

DREIFUSS, R.A. **1964**: a conquista do Estado. Rio de Janeiro: Vozes, 1981.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Revisão de Lígia Vassalo. Petrópolis — Vozes. Lisboa — Centro do Livro Brasileiro. 1972.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GONDAR, Jô. Memória individual, memória coletiva, memória social. In. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas** - Ano 08, número 13, 2008. Disponível em: <http://www4.unirio.br/morpheusonline/numero13-2008/jogandar.htm>. Acesso em 6/2/2017.

MAINGUENEAU, D. **Discurso e Análise do Discurso**. São Paulo: Parábola, 2015.

MAGALHÃES, Mário. **Marighella**: o guerrilheiro que incendiou o mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MENESES, Ulpiano Bezerra De. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. In. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n.34. São Paulo, p. 09-24, 1992.

MARIGHELLA, Carlos. **Manual do Guerrilheiro Urbano**. São Paulo: Editora Sabotagem, 2003.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas, SP: Pontes, 2008.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1988.

VÉRON, E. (Org.). **El discurso político, lenguajes y acontecimientos**. Buenos Aires, Hachette, 1987.

ZOPPI-FONTANA, M.C. **Cidadãos modernos**: discurso e representação política. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.